

*A poeticidade das margens:
um diálogo entre Chico César e Ailton Krenak sobre o adiamento do fim do mundo*

Tânia Lima (UFRN)¹
Ana Cláudia Félix Gualberto (UFPB)²

Ó donos do agrobiz, ó reis do agronegócio
Ó produtores de alimento com veneno
Vocês que aumentam todo ano sua posse
E que poluem cada palmo de terreno

(CHICO CÉSAR, Reis do Agronegócio, 2015)

Da macrobiótica à noite de meu bem: de Machado de Assis a Lima Barreto, de Luiz Gama a Cruz e Sousa, de Chiquinha Gonzaga a Auta de Sousa, de Maria Firmina dos Reis a Carolina de Jesus, de Geni Guimarães a Calila das Mercês, tudo segura a onda do mundo, quando um poema não se cala.

Na movência dos dias, a repetição das marés ultrapassa o que parece rotina na engrenagem camaleoa do sistema capitalista, que transforma continuamente o desconhecido mundo em irreconhecível. “Tudo zoa/ tudo arrulha/ para dentro do imprevisto” (MARANHÃO, 2002, p.47). Isso é também “investir contra o silêncio que o já oprimido economicamente ficou reduzido, perdendo os direitos trabalhistas e de reivindicação de classe” (SANTIAGO, 1989, p.17).

Em se tratando de Chico César, um bom poema nunca se omite de dizer o que tem para ser dito em dois simples versos da canção “Reis do Agronegócio”: “Vocês que enxotam o que luta por justiça/ Vocês que oprimem quem produz e que preserva”. A nota desafia o coro dos fascistas contentes. O tom de denúncia ironiza o tempo do poema a partir de uma leitura anticolonial. O poeta dedilha uma melodia que sai de um bemol ou de um som sustentado em tom de lamento negro. Chico César sobrevoa uma flauta de bambu, salta para dentro de uma oca da vida Yanomami e reivindica respeito e dignidade aos povos originários.

É bom que se diga que, em Chico César, a poesia de rua anda de mãos dadas com os filhos da minoria. Poesia é canal de lucidez viva; é atalho de rebeldia acesa. O escre/ver/viver. A ‘escrevivência’ de uma Conceição Evaristo em *Poemas de Recordação*. E apesar de tudo e de um mundo maluco e doente, há a poesia, vive-se nela, morre-se por ela, finge-se por ela. O poeta que trai seu poema em defesa da vaidade de ser é um infeliz. Devemos manter os olhos

¹ Tânia Lima – Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)/ ProfArtes.

² Ana Cláudia Félix Gualberto – Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) e do Programan de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

bem acesos para andar por aí com nossa cabeça insubornável. A palavra capitalismo nunca brinca em serviço. Há um deus maior que escraviza trabalhadores da terra. Pão e terra contemporâneos continuam crucificados a depender do marco temporal.

Na menor sílaba dos tempos, há um deus menor que anda com minorias, vive pelas ruas, morre a cada corte de árvores e montanhas, poluição de rios e mares, dizimação dos povos das florestas. Esse deus menor, deus da minoria, vive nu no meio de nós, habitante das ruas, feito Exu, morre todos os dias de bala perdida, de racismo, de transfobia, de sexismo. Enquanto isso, o deus gigante vive contabilizando o dízimo na bolsa de valores, o deus mercado de que fala Adorno, não dorme nunca, celebra o “progresso”, mas qual “progresso”? Se “progresso” não é prédio, mas qualidade de vida, enquanto houver fome, não se pode falar em progresso.

Vocês que criam, matam cruelmente bois
Cujas carcaças formam um enorme lixo
Vocês que exterminam peixes, caracóis
Sapos e pássaros e abelhas do seu nicho
E que rebaixam planta, bicho e outros entes
E acham pobre, preto e índio tudo chucro
Por que dispensam tal desprezo a um vivente?
Por que só prezam e só pensam no seu lucro?
(CÉSAR, Reis do agronegócio, 2015)

Na contramão dos tempos, Chico César dedilha, já em seu primeiro álbum *Aos Vivos* (1995), bem como no primeiro audiolivro *Cantáteis - cantos elegíacos de amozade* (2010), percebe-se ali, na gênese de sua produção poética, uma tradução das mais lúcidas sobre a condição da exploração de mulheres trabalhadoras em um sistema estruturado nas bases esmagadoras de um capitalismo colonial:

Mama África
A minha mãe
É mãe solteira
E tem que fazer mamadeira
Todo dia
Além de trabalhar
Como empacotadeira
Nas Casas Bahia

[...]

Quando Mama sai de casa
Seus filhos se olodumzam
Rola o maior jazz
Mama tem calo nos pés
Mama precisa de paz

Mama não quer brincar mais
Filhinho dá um tempo
É tanto contratempo
No ritmo de vida de mama (CHICO CÉSAR, Mama África, 1995)

O poeta Chico César não negocia com a patifaria do fascismo do capital, sendo colocado de forma abjeta, como se observa na letra da canção “Reis do Agronegócio”. Contudo, há um diálogo corrosivo aí com o mimetismo kafkaniano: o homem-barata que se transforma em ser parasita, quase um home guabiru no estilo Josué de Castro em sua estética da fome. Uma metáfora filosófica que denuncia a condição subumana e desumanizadora da sociedade contemporânea.

Mesmo cientes de que o viver mantém um pacto com o perigoso, é necessário tentar viver não apenas para sobreviver, mas também para lutar por um novo modo de viver. Viver poeticamente é viver para além do sobreviver. Enquanto houver poesia haverá poetas dentro dos mundos propagando mudanças sociais.

O pessoal é político porque o corpo individual é um corpo coletivo. O eu poético do musicista fala a partir do eu coletivo. Absorvendo os ritmos africanos, Chico César transfigura o pulsar musical dos enredos afrodiaspóricos ao sinalizar diálogos maravilhosos com os recursos da música eletrônica. Em sintonia com o aparelho tecnológico, amplia-se uma “fusão” com a poesia popular, com a música africana, indígena e com a partitura europeia. Chico César, em sua estética engajada, requisita dialetos variados a ritmos bem heterogêneos. Já não importa criar um ritmo só ou uma identidade brasileira para um país tão diverso, como bem almejava o nacionalismo antropofágico, como bem sinaliza Silviano Santiago. Também não interessa estender uma leitura identitária à cultura do país como pretendia a turma da Tropicália. Se por um lado, a turma da antropofagia e os tropicalistas foram advindos da classe média; por outro lado, Chico César é representante da classe popular, e desvela uma lírica negra que traduz um profundo amor pelo mundo. Na lírica do poeta paraibano, a arte é representação da lírica ancestral que celebra a voz do povo afro-indígena a partir de composições endereçadas ao povo brasileiro. Isso não quer dizer que a estética negra de cunho popular não requisite, no campo da crítica literária, uma leitura de cunho erudito no meio do cancionário popular nordestino, a exemplo de um Solano Trindade, de um Ascenso Ferreira, de uma Jarrid Arraes ou mesmo de uma Marilene Felinto em sua saga das *Mulheres de Tijucopapo* ou na pegada do Slam pernambucano de uma Bell Puã. Em Chico César, a lírica popular bebe no estado de poesia de uma cantoria do rapper urbano, que nasce nas cordas de emboladores repentistas e ressoa na prosa de um cordel endereçado à cultura dos povos do sertão:

Para viver em estado de poesia
Me entranharia nestes sertões de você

Para deixar a vida que eu vivia
De cigania antes de te conhecer
De enganos livres que eu tinha porque queria
Por não saber que mais, dia menos dia
Eu todo me encantaria pelo todo do teu ser

Pra misturar meia-noite, meio-dia
E enfim saber que cantaria a cantoria
Que há tanto tempo queria,
A canção do bem querer

É belo, vês o amor sem anestesia
Dói de bom, arde de doce
Queima, acalma,
Mata, cria
Chega tem vez que a pessoa que enamora
Se pega e chora do que ontem mesmo ria
Chega tem hora que ri de dentro pra fora
Não fica nem vai embora, é o estado de poesia. (CHICO CÉSAR, Estado de poesia, 2015)

Andar contra a corrente, em poesia cantada, vem de muito longe. Antes, quando os poetas traçavam o mapa astral da terra para realizarem suas plantações no antigo Egito, perto dali os trovadores *griots* cantavam para curar as feridas da alma, para celebrar a ética. O *griot* cantador não apenas cantava, mas, sobretudo, profetizava com as contações de histórias que encantavam o mundo a partir da palavra cantada. Quando chegaram os colonizadores e mataram os contadores *griots*, o mundo deixou de seguir o rasto dos ancestrais, para seguir o mundo da técnica, morada da tecnologia atual.

No livro *Cada homem é uma raça*, de Mia Couto, existe um conto primoroso, uma narrativa mística, “Embondeiro que sonhava Pássaro”, em que se percebe a sugestão no tecido da escritura sobre a queda da tradição no legado da memória ancestral:

Esse homem sempre vai ficar de sombra: nenhuma memória será bastante para lhe salvar do escuro. Em verdade, seu astro não era o Sol. Nem seu país não era a vida. Talvez, por razão disso, ele habitasse com cautela de um estranho. O vendedor de pássaros não tinha sequer o abrigo de um nome. Chamavam-lhe o passarinhoiro. (COUTO, 1994, p. 31)

De alguma forma a fala do escritor moçambicano nos remete ao pensamento de Krenak (2019, p. 09): “Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos”. Se tudo ao redor gira em torno da palavra natureza, o cosmo, o mapa astral, a numerologia, a cabala, o candomblé, a umbanda, até a “cigana que lê a mão de Paulo Freire”, em um verso de Chico César, ressignifica que não devemos ter medo de conversar com árvores, ou mesmo de pedir conselhos ao rio Solimões.

Basta lembrar que Krenak (2019, p. 15), já nos alertava que:

Em 2018, quando estávamos na iminência de ser assaltados por uma situação nova no Brasil me perguntaram: Como os índios vão fazer diante de tudo isso? Eu falei: Tem quinhentos anos que os índios estão resistindo, eu estou preocupado é como os brancos, como que vão fazer para escapar dessa.

Ainda em 2018, com a entrada da extrema direita pela porta dianteira das *fake news*, vários astrólogos comentavam, a exemplo de Carlos Harmitt, que em 2019, urano entraria em touro até o ano de 2026. A natureza de lá até aqui não deu tréguas. E nos quatro anos seguintes, o que vimos, além da banalidade do mal, foi uma resposta furiosa da natureza, iniciando em 2019, com a questão de Brumadinho em Minas Gerais, e terminando em 2022, com a dizimação de crianças indígenas Yanomami, em situação análoga aos campos de concentração nazistas.

Começamos 2023, com terremotos na Síria, Turquia, enchentes e deslizamentos no litoral norte de São Paulo, joias sendo contrabandeadas por uma corja de militares, tudo em nome da ética fascista. As joias ilegais, o ouro ilegal, o custo do ouro, o colar de ouro, as pedras preciosas, o petróleo da refinaria sendo privatizado como moeda de troca. Será que existe ouro puro na História do Mundo. Na cultura planetária, o ouro é símbolo de riqueza e de sucesso. Quantos mundos afora almejam um colar de ouro estendido em prateleira de uma joalheria de um shopping? Mas qual é o preço de uma pepita de ouro? O filme “Diamante de sangue” (2007) fala sobre o contrabando dos diamantes rosa em África. Recentemente, em 2021, naquelas sessões de cinema Varilux, a película francesa “O destino de Harffmann” (2021) relatava a vida de um joalheiro nos anos de 1940, durante o massacre do nazismo mundo adentro.

Sem verdades prontas, mas a título de provocação, a forma como construímos a ideia de humanidade, não seriam “escolhas erradas que fizemos ao longo dos séculos, justificando o uso de violência?”. (KRENAK, 2019, p. 07). Como acrescenta Krenak (2019, p. 13): “Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar”. Não sabemos abraçar o rio, se o rio está morto, peneirado pelo mercúrio venenoso do garimpo ilegal.

Desmata minas, a amazônia, mato grosso...;
Infecta solo, rio, ar, lençol freático;
Consome, mais do que qualquer outro negócio
Um quatrilhão de litros d'água, o que é dramático

Por tanto mal, do qual vocês não se redimem
Por tal excesso que só leva à escassez
Por essa seca, essa crise, esse crime
Não há maiores responsáveis que vocês (CHICO CÉSAR, O Rei do Agronegócio,
2015)

O poético em Chico César também é metáfora de provocação. Há uma sátira ambígua que alerta os olhos do leitor que escuta o poema em formato de engajamento. Ambiguidade essa que remete à celebração da desconfiança ou mesmo da inteligência ou quem sabe do excesso de destruição ambiental em detrimento de tanta fome e escassez mundo afora. O poeta requisita outro tipo de atitude como saída para um mundo em guerra e ódio.

A exemplo do que estamos falando, a extinção da fauna e da flora se estenderá em uma proporção alarmante, enquanto estivermos ainda sob a tutela de problemas de ordem ambiental, ou mesmo sob a dependência do fardo grandioso de empresas gigantes antiecológicas. A escassez de recursos, a falta de água, a degradação do solo terrestre, a ampliação da camada de ozônio, o degelo do Ártico, tudo ao redor leva ao colapso das comunidades locais e a violência étnica e tribal que se tornou a característica mais central desde a pós Segunda grande Guerra Mundial.

A expansão de consciência requer mudança, não apenas de percepção, mas de valores. A antiecologia envolve uma moral e engloba uma crise de dominação, competição, ânsia de poder. Se o que é saudável apresenta-se como modelo ecossistêmico em equilíbrio dinâmico e conservado, o que é ruim atrai hierarquias, novos desequilíbrios, medo, pânico, doenças físicas, psíquicas, ambientais.

Com Chico César, o movimento poético é movimento político, a palavra em estilo *Torto Arado*, nada é enfeite, pois tudo se arruma por outros sentidos e lugares ao embaralhar as batidas de canções populares à frente do legado cultural sertanejo. Sem descuidar dos detalhes da lírica com o resto do mundo, o som se transformou em porta-voz principalmente de contestação social. Nesse sentido, não é mais a cultura brasileira que entra em questão, como se observou com a Tropicália, mas a diversidade cultural do local sobre o regional ou nacional. O Nordeste como diz Belchior são vários em um só. Daí o mote contemporâneo: Do Catolé para o mundo. A música de Chico César ocupa, assim, os vários lugares da cultura, mas se reconhece pertencente à cultura local da Paraíba.

Na deglutição transcultural que faz Chico César no poema, entram também outras linguagens e ritmos em consonância com a cultura “local” contemporânea. Tanto na cultura indígena quanto na cultura africana, o local tem uma especificidade mística. Enquanto os tropicalistas, ao misturarem expressões coloquiais a ritmos estrangeiros, dedilhavam notas de

MPB para alcançar as guitarras elétricas, Chico César usa os acordes populares de um Jackson do Pandeiro para transgredir a música popular brasileira, através do reggae, do samba, da bossa nova, da tropicália, do *rap*, do *hip hop*, do *blues*, do *rock'n'roll*, do *funk*, à música eletrônica, o coco, o caboclinho, o pastoril, o maracatu, a embolada, o *jazz*.

A proposta desse movimento de engajamento de Chico César em reumanizar o presente, ao sugerir uma ruptura com todo o legado de miséria e exploração humana, suscita uma reformulação de todo um sistema que mata e dizima em nome do lucro. Uma cadeia cíclica que precisa mais do que nunca ser repensada. Pois é sabido que, nos locais menos poluídos, os viveiros de camarão e a exploração imobiliária imperam como poluidores do ecossistema, além de outros agravantes. Nas questões mais essenciais, a humanidade tem caminhado para trás. No largo círculo dos dias, a fome no mundo ainda faz parte das preocupações dos ecólogos do Século XXI.

Aos poucos, novos estudiosos se aventuram em estudar o bioma de forma mais consciente, observando nos detalhes a importância que cada espécie representa. Lentamente, a luta em defesa da natureza vem ganhando forte visibilidade inter[nacional]. Alguns poetas se tornam expoentes na forma de observar como a NATUREZA se posiciona entre a barbárie e a esperança. Um sentimento de indignação alinha a missão de novos escritores por novas mudanças no coração humano. Somos, como estudiosas da questão ambiental, umas pessimistas alegres, mas não deixamos teimosamente de acreditar na luta local de nosso povo, os filhos da Terra, uma nação de seres enlameados, fraternalmente interligados à classe dos destituídos.

Por essa geografia de miséria em que se podem pesar os aterros inumeráveis realizados ao longo de quatro séculos de exploração do ecossistema da Terra Brasilis, em nome de um poder econômico. Poder que, muitas vezes, deseja apagar os indícios de revolta e indignação que ainda teimam em se reproduzir dentro de uma voz eco-lógica. Como disse o pajé yanomami Davi Kopenawa, “o mundo acredita que tudo é mercadoria, a ponto de projetar nela tudo o que somos capazes de experimentar. A experiência das pessoas em diferentes lugares do mundo se projeta na mercadoria, significando que ela é tudo que está fora de nós” (KRENAK, 2019, p. 23).

O que está em questão, de agora para frente é o ecocentrismo, máximo de cuidado e proteção a todos os seres deste planeta. Em uma visão sistêmica ecológica, observa-se uma “ecosofia” onde cada ser é responsável por uma parte mínima deste mundo; comunga com uma visão planetária mais próxima da vida vegetal, animal, mineral. A ecosofia não é o

estudo de partes fragmentadas, dissociadas, mas reconhece uma interdependência de todos os fenômenos naturais, e o fato de que, enquanto sociedade, estamos todos interligados aos processos cíclicos da natureza. Em grande parte, os problemas são varridos para debaixo da ponte. A ecologia lida com uma questão principalmente cultural. A visão sobre o mundo tem mudado a maneira de encarar a fala da natureza do mundo antes de nós. “Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui.” (KRENAK, 2022, p. 08)

Se olharmos bem, a fala da unidade não necessariamente é tirânica, mas muitos tiranos fazem da unicidade um pensamento patológico, uma ideia fixa de destruir tudo ao redor a partir do enriquecimento ilícito. A grave crise humanitária não é porque destruímos mares, florestas, rios, mas principalmente porque criamos uma tecnologia de ponta que está melhor do que o ser humano, como denuncia José Mujica em uma de suas últimas entrevistas. Somos o bicho mais criativo, mas somos a erva daninha do planeta, dizíamos a cada dia a humana condição de nos tornarmos seres livres em nossa ‘radical solidão’. Como adiar o fim do mundo, nesta violência-época tão veloz de tempos pós mortos, pós-covid? A arte de contar e de recontar histórias, como diz Krenak, poder contar mais uma história é adiar o fim do mundo.

Na visão do pensador indígena Ailton Krenak (2019, p. 33), uma pergunta deveria ser feita a cada dia, “Qual é o mundo que vocês estão agora empacotando para deixar às gerações futuras? Você vive falando de outro mundo, mas já perguntou para as gerações futuras se o mundo que você está deixando é o que elas querem?”.

Na teia das identidades coletivas, modifica-se a própria concepção existencial entre o eu e o mundo. Com isso, entra no ar a grande teia interligada virtualmente às redes de mundos e outros lugares. A luta do poeta com o mundo é uma luta de metáforas. As metáforas de forma lenta ou inesperada sugerem mudanças inéditas no ser. O sujeito na modernidade sente uma necessidade infinita de repertoriar a ‘natureza do agronegócio’ juntamente com aqueles que estão em torno de uma socialização, batizada pelo batuque.

Na poética em tom de denúncia de Chico César corrompe-se a possibilidade de profundidade nas relações humanas que se tornam cruas e vazias frente ao grande mundo periférico. Mas o poeta é o que ‘rexiste’ e convida o mundo a recriar o telúrico a partir do próprio quintal global: Comovido pela contradição humana, Chico pinta o moderno na tinta do fragmento e avança com à procura de algum sentido para o caos do presente, Chico César tece arranjos aos mundos afrolatino-americanos que se apresentam a um passo da

‘supermodernidade’. São lugares da diversidade, carregados de sonoridade por dentro das lições dos grandes centros, mas também em diálogo com os recursos sonoros da zona africana e os trânsitos mais periféricos.

A criatividade poética de um Chico César é uma sublime capacidade de irreverência musical e, por mais absurdo que se perceba o mundo, talvez, o momento atual seja o mais criativo e comunicativo da história da humanidade. E tudo se camufla de novidade, mas nada é novo no velho mundo. Busca-se liberar as vozes da alteridade silenciadas pelas agressões sociais, raciais, sexuais, religiosas etc. A efervescência dessas híbridas correntes alinhava, de alguma forma, o excesso de razão e centralismo de um poder unificador nas esferas mais simples e mais complexas da sociedade

A ‘cidade’ sinaliza poucas saídas para as fronteiras periféricas, e são justamente essas que estão sendo violentadas pela ordem social em que estão inseridas: cidades x favelas. E as complexidades se avolumam, nelas só existem dois lugares: a cidade e as ilhas. Em sua travessia à beira do caos, a poesia elucida as inúmeras situações dos problemas de incomunicabilidade entre os homens e seus diversos mundos. A poesia revela, nesse sentido, um mergulho na condição humana localizada na extemporaneidade cultural. É a poesia que decanta os sofrimentos humanos submetidos à crueldade do momento histórico.

Em poesia, o poeta, o amor, o povo, a arte, os intelectuais se confundem no ensino da transgressão, na “pedagogia do afeto”, lembrando aqui de bell hooks, pois ainda é o amor é a única arma em que se pode adiar o fim do mundo, como bem anuncia Chico César (2019): “O amor é um ato revolucionário/ (...) / Quem ama fala ao mundo mesmo mudo/ Seu pulso é a pulsação do universo em dança/ Nas inquietações da guerra insana a paz alcança/ quem traz a lança do amor e seu escudo”. Nossas saudações a Oxóssi e Xangô.

REFERÊNCIAS

CÉSAR, Chico. **Cantáteis**: cantos elegíacos de amozade. Intérprete: Chico César. Compositor: Chico César. São Paulo: Tocalivro – Livrofalante, 2010.

CÉSAR, Chico. **Estado de poesia**. Intérprete: Chico César. Compositor: Chico César. *In*: ESTADO DE POESIA. Intérprete: Chico César. São Paulo: Altafonte, 2015. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/0hJjnsMlBp0UAWXrjousGD>. Acesso em: 26 set. 2023. (faixa 03, 05:24min)

CÉSAR, Chico. **Mama África**. Intérprete: Chico César. Compositor: Chico César. *In*: AOS VIVOS. Intérprete: Chico César. São Paulo: Velas, 1995. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/4S18cCp2R0Z0SdbCwNC4ZL>. Acesso em: 26 set. 2023. (faixa 02, 03:34min)

CÉSAR, Chico. **Reis do agronegócio**. Intérprete: Chico César. Compositor: Chico César. *In*: ESTADO DE POESIA. Intérprete: Chico César. São Paulo: Altafonte, 2015. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/4IMFoc3c4XoEBZITFhibMY>. Acesso em: 26 set. 2023. (faixa 14, 11:01min).

COUTO, Mia. **Cada homem é uma raça**. Lisboa: Editora Caminho, 1994.
DIAMANTE DE SANGUE. Direção: Edward Zwick. Produção: Virtual Studios. Estados Unidos: Warner Bros. 2007. (2h23min).

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

KRENAK, Ailton. **Radicalmente vivos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020c.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MARANHÃO, Salgado. **Sol sanguíneo**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

O DESTINO DE HAFFMANN. Direção: Fred Cavayé. Produção: Vendôme Production. França: Dai Dai Films. 2021. (115min).

SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.